

DESENVOLVIMENTO? PARA QUEM? RELAÇÕES ESTRATÉGICAS ENTRE EMPRESA E SOCIEDADE: O LADO OBSCURO DA PRIVATIZAÇÃO DA COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL (CSN)

ANÁDIA OLIVEIRA DA SILVA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO (IFRJ)

MÁRCIO MOUTINHO ABDALLA

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)

DESENVOLVIMENTO? PARA QUEM? RELAÇÕES ESTRATÉGICAS ENTRE EMPRESA E SOCIEDADE: O LADO OSCURO DA PRIVATIZAÇÃO DA COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL (CSN)

1. INTRODUÇÃO

Desenvolvimento e modernização são promessas, difundidas mediante discurso opressor de “necessidade” e única opção para a sociedade de Volta Redonda (RJ), desde 1941, ano de instalação da CSN na cidade. O objetivo do governo Getúlio Vargas, presidente do Brasil à época, era constituir um “novo trabalhador” e uma “nova sociedade”, a partir do discurso de libertação do campo, modernidade e desenvolvimento para o país. Em uma fase na qual o governo era considerado assistencialista e paternalista, a CSN era posicionada como uma “mãe” para os trabalhadores e para a cidade. Mas, a indústria que era provedora, também era opressora, seu domínio ia além do espaço da fábrica, ela exercia controle e domínio da economia, política e da sociedade (PALMEIRA, 2012).

A Igreja Católica de Volta Redonda, signatária da Teologia da Libertação, não se calou diante de tal situação e catequizava os operários e líderes sindicais para a libertação daquela situação de opressão, o que fomentou diversas greves, movimentos sociais e sindicais. A CSN ficou conhecida pela repercussão das grandes greves como a de 1998, onde houve o assassinato de três operários, e pelas movimentações sociais (GANDRA, 2009).

O ano de 1990 trazia consigo novos fenômenos como o processo de consolidação do projeto de globalização neoliberal, mantendo ativas as promessas de desenvolvimento e modernização. Fernando Collor de Mello, defensor dos ideais neoliberais, tomou posse em 1990, e dentre as empresas que prometeu privatizar estava a CSN, devido às grandes mobilizações e confrontos que ali existiam, além de ser considerada “gargalo” da economia e fonte de grandes corrupções (SAWAYA, 2014; THEBALDI, 2015).

Como muitos eram contra tal privatização, o governo e a CSN elucubraram estratégias e práticas discursivas para legitimar a “necessidade” de privatização da indústria, e consequentemente, suprimir o poder do sindicato e da população de Volta Redonda. O que se concretizou em 1993, demonstrando a violência do projeto neoliberal e a quem ele verdadeiramente serve (BIONDI, 2014).

2. PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

Após estudo sobre o tema e observação pessoal, constatamos que com o passar dos anos as movimentações por parte dos sindicatos, igreja e sociedade (atores de não-mercado) contra as ações da CSN reduziram, e que tais reduções se deram principalmente após a privatização da Companhia Siderúrgica Nacional, o que motivou-nos a questionar: A CSN utilizou de relações estratégicas com seus intervenientes de “não-mercado” para legitimar sua privatização? Se sim, como? Entendemos que tal questionamento ajudará a descobrir o motivo da redução de tais movimentos com o passar dos anos e se a privatização da CSN a influenciou.

A suposição que norteia este estudo é que a redução dos movimentos se deu pela utilização da privatização da CSN como estratégia política e ideológica do governo a época e que havia interesses por detrás da “modernidade” propagada.

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as relações estratégicas entre a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e a sociedade de Volta Redonda/RJ no período de 1990 a 1993, época de privatização da empresa, com enfoque à redução dos movimentos populares, sociais e sindicais pós-privatização.

O presente estudo faz-se relevante para o campo pois reflete o saber como prática, principalmente porque estudos empíricos em estratégias de não-mercado não são facilmente encontrados e esta pesquisa corrobora a existência de relações entre atores de não-mercado e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), relacionamento entre empresa e sociedade.

Para tanto, este texto foi construído em mais quatro partes, além desta introdução. No próximo tópico, apresentamos a fundamentação teórica, contextualizamos a instalação da CSN em Volta Redonda e as diversas movimentações ocorridas em repúdio a opressão que a mesma exercia na cidade. Posteriormente, dissertamos a respeito do processo de globalização e privatização brasileira, dando destaque a privatização da CSN. Em seguida, expomos os procedimentos metodológicos empregados, como foram coletados e analisados os dados. Em sequência, apresentamos os principais achados do trabalho. Por último, no quarto tópico, destacamos as considerações finais.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 CSN – do Paternalismo aos Movimentos Sociais

Após a crise de 1930 o cenário brasileiro evidenciava necessidade de modificação do perfil do país, de agroexportador para urbano-industrial. Para que essa modificação e consequente desenvolvimento ocorressem foram utilizadas diversas estratégias, e uma delas foi a criação pelo Estado de diversas empresas para fomentar a industrialização, além da criação de um novo perfil de trabalhador brasileiro (ALVES, 2001). Neste contexto foi criada a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em 1942, em Santo Antônio de Volta Redonda, distrito de Barra Mansa, como promessa de desenvolvimento para o Brasil. Mas, a construção da CSN envolveu muito mais que a construção de uma fábrica. Conjuntamente foi construída uma cidade operária para abrigar trabalhadores que migravam de diversos Estados brasileiros. A cidade operária seguia os modelos da *company town*, e ao mesmo tempo que abrigava os “necessitados” também segregava e categorizava os operários segundo sua posição hierárquica dentro da empresa, conformando uma espécie de casta geográfica e social. Essa época foi marcada por um Estado típico keynesiano, Estado de bem estar social, com elevados gastos sociais e baseado no pleno emprego (ALVES, 2001; BENTES; COSTA, 2012; PALMEIRA, 2012; ASSIS; LUSTOZA, 2013; LIMA, 2014).

Em 1954 Santo Antônio de Volta Redonda se emancipou de Barra Mansa, fazendo surgir a cidade de Volta Redonda, mas a cidade continuou dependente da CSN. Assim, Volta Redonda continuou subordinada à indústria, a partir de um desenvolvimento moderno capitalista (PEREIRA, 2007; PALMEIRA, 2012). Entretanto, esse desenvolvimento já trazia problemas desde aquela época. Com a propagação da construção da siderúrgica CSN, houve grande elevação da migração de pessoas do campo para cidade iludidos pela promessa de uma vida melhor. Todavia, quando a construção da CSN se encerrou, nem toda a mão-de-obra empregada na construção foi absorvida pela produção da indústria, culminando em várias pessoas desempregadas e que não tinham como voltar para o campo, ocasionando marginalização destes e a criação de favelas, visto que aqueles que não trabalhavam na CSN não tinham as benesses da “família siderúrgica”, vivendo assim em condições sub-humanas e deficitárias, sem condições de vida dignas, saneamento básico e infraestrutura (MOREL, 1989; PALMEIRA, 2012).

Ao retirar o trabalhador do campo com a promessa de uma vida melhor na nova era de desenvolvimento, o Estado deveria prepara-los para o trabalho posterior na indústria que eles estavam construindo, mas isso não ocorreu. Aqueles que não tinham preparo para o trabalho na indústria foram excluídos e marginalizados, demonstrando uma das faces ocultas desse processo de des-envolvimento, que privilegia as grandes corporações e tudo mercadifica. Com

o término da relação empregatícia, foi cessado também todo e qualquer envolvimento social com os trabalhadores e com a sociedade (PORTO-GONÇALVES; QUENTAL, 2012).

A CSN era tida como uma “mãe” para a cidade, pois era ela que fornecia as moradias, era ela a proprietária dos hospitais, dos ambientes de lazer e das escolas. Boa parte daqueles que ali trabalhavam tinham vindo do campo e possuíam baixa, o que facilitava o domínio que a mesma exercia sobre a cidade. Por conseguinte, anteriormente ao ano de 1984, ano da primeira greve ocorrida na CSN, poucas movimentações ocorreram. Esse fato pode ser explicado pela repressão que existia dentro da siderúrgica e controle da cidade-operária, além da ideia de “família siderúrgica” e CSN “mãe”, que alienavam a sociedade (MOREL, 1989; MOREL 2001; GANDRA, 2009; PALMEIRA, 2012).

A alienação dos operários se modificou somente com o passar dos anos, com a geração dos filhos dos operários, que receberam muitas vezes escolaridade superior à deles, e melhor instruídos, começaram a questionar o poder da indústria para com os seus empregados. Ao ingressarem na CSN, buscavam os seus direitos como trabalhadores e sociedade, fomentando assim diversas greves e movimentações populares para reivindicar melhoria das condições trabalhistas e sociais (GANDRA, 2009; BENTES; COSTA, 2012; PALMEIRA, 2012).

Essas movimentação e reivindicações surgiram principalmente pelo apoio e amparo da Igreja Católica da cidade, signatária da Teologia da Libertação, que formava, mediante discurso libertador, lideranças para o sindicato, movimentações populares e sociais, buscando dar voz àqueles marginalizados pela cidade operária, e libertação para aqueles que na indústria trabalhavam, principalmente mediante as Comunidades Eclesiais de Base - CEB's (GRANDRA, 2009; COSTA; ZANGELMI; SCHIAVO, 2010; MOREIRA, 2012).

Foram diversas greves desde 1984, mas a de maior repercussão ocorreu em 1988, com a invasão do exército e morte de três operários. Já a de 1990 foi considerada a maior greve de ocupação da CSN, porém também a sua maior derrota com a demissão de diversos operários sem conseguirem o que reivindicavam. Volta Redonda era conhecida pelas magnitudes das manifestações que aconteciam na cidade (PACHECO, 2002; PEREIRA, 2007; GANDRA, 2009).

A relação de dependência, de superveniência, de sentimento de benfeitoria e “mãe” para a cidade, ocultava o caráter de classe da exploração sofrida, afinal um dos propósitos era civilizar a população através da ideia de “família siderúrgica”, estratégia política nacional com impactos locais (MOREL, 1989; BAPTISTA; SARAIVA, 2005; PEREIRA, 2006, 2007; GANDRA, 2009; BENTES; COSTA, 2012; PALMEIRA, 2012; LIMA, 2014). A criação da CSN em Volta Redonda foi um experimento de criação da “nova sociedade”, disciplinada e hierarquizada, e do “novo trabalhador urbano” – dócil, civilizado, submisso e moldado de acordo com os interesses políticos e econômicos da época, conforme o interesse do sistema - uma cidade símbolo de “progresso” e “modernidade” (MOREL, 1989; ALVES, 2001; BENTES; COSTA, 2012; PALMEIRA, 2012; ASSIS; LUSTOZA, 2013; LIMA, 2014).

3.2 Globalização e Privatização

A industrialização brasileira deu-se principalmente por altos investimentos governamentais, com a criação de diversas indústrias privadas. Mas, a década de 90 trazia consigo uma nova ideologia de desenvolvimentismo e modernização. O Brasil vivia uma nova etapa política de troca de governo e desejava se posicionar melhor frente a economia mundial, uma nova fase de “desenvolvimento” e “modernização”, imposta como “necessária” para o enquadramento brasileiro na economia mundial. Contudo, essa nova modernização fazia com o que Estado deixasse de ser desenvolvimentista para ser liberal, ou seja, adesão ao projeto neoliberal que era propagado como condição necessária para sobreviver ao novo perfil de globalização, passando a defender a liberalização do mercado, privatizações, redução das

políticas sociais e não intervenção estatal (NORONHA, 2009; BIONDI, 2014; SAWAYA, 2014).

A globalização econômica propagada pelo Consenso de Washington foi difundida como “necessária” para o desenvolvimento dos países. A cartilha do Consenso era tida como modelo a ser seguido e os países que não aderissem aos seus ditames eram considerados atrasados e não desenvolvidos (CARRION; VIZENTINI, 1997; PINTO, 2014). O fenômeno da globalização envolvia não somente a abertura das fronteiras econômicas e evolução dos meios de comunicação com a internet, mas principalmente uma nova fase do capitalismo, no qual quem regularia a economia mundial seria tão somente o mercado, gerando consequências econômicas, políticas, sociais e culturais (PINTO, 2014). O Estado passou de agente de desenvolvimento para agente regulador, sendo responsável somente pela promoção de justiça, segurança e poder de polícia (ANDERSON, 1995; CASANOVA, 2005; IBARRA, 2011; SAWAYA, 2014).

Esse projeto neoliberalizante ganhou ainda mais forças no Brasil com a posse de Fernando Collor de Mello como presidente em 1990, dando início a diversas privatizações e a consequente minimização do Estado na economia, conforme prometido em sua campanha política de governo. Dentre as empresas a serem privatizadas estava a CSN, considerada estratégica para o seu governo, por ser a maior indústria siderúrgica da América Latina e por sua característica de fortes movimentações sindicais e sociais (GRACIOLLI, 2007; BIONDI, 2014).

Contra essa “necessidade” de privatização da CSN ocorreram diversos movimentos, dentre os quais destacam-se a greve de 1990 e o movimento “abraço à CSN” - onde a população se uniu ao redor da siderúrgica de mãos dadas em manifestação contra o processo. Tais movimentações em sua maioria envolviam principalmente o sindicato, igreja católica e a sociedade em geral, porém não tiveram grande repercussão e sucesso, pois a privatização “deveria” ocorrer a qualquer custo (GRACIOLLI, 2007; PALMEIRA, 2012).

Para tanto, o governo federal iniciou forte campanha midiática a favor das privatizações, mediante estratégia de desmoraliza-las perante a sociedade, taxando-as como gargalos na economia e fonte de grandes corrupções. Tais modificações fizeram o Brasil viver um momento turbulento, que se agravou ainda mais com o processo de *impeachment* do então Presidente Fernando Collor, em 1992 (SANTOS, 2000; GRACIOLLI, 2007; PALMEIRA, 2012).

A privatização da CSN se concretizou em 1993, com Itamar Franco, após a saída de Fernando Collor da Presidência da República, mediante diversas estratégias governamentais e empresariais. Volta Redonda, que era conhecida por grandes manifestações, com o aumento do desemprego, fruto do processo de privatização, silenciou-se. As greves não mais aconteceram, o sindicato transformou-se em um sindicato de “parceria” e a cidade se vê dependente da grande siderúrgica. Esses fatos ilustram o poder da grande empresa ao influenciar e moldar seu contexto sociocultural, pois independentemente de todas as manifestações e resistência, a privatização ocorreu, a cidade silenciou-se e submeteu-se ao poder da grande empresa (PEREIRA, 2007; GRACIOLLI, 2007; PALMEIRA, 2012; DA SILVA; ABDALLA; MORAES, 2015; DA SILVA; ABDALLA, 2016). Por detrás dos interesses propagados a propósito da privatização da CSN estava também redução da ação dos movimentos sindicais e restrição às organizações de trabalhadores, conforme o interesse das elites brasileiras (GRACIOLLI, 2007; DA SILVA; ABDALLA, 2016).

4. DECISÕES METODOLÓGICAS

4.1 Tipificação da Pesquisa

O objeto da pesquisa nos direcionou para uma pesquisa de natureza qualitativa, pois era necessário entender a relação entre o mundo real e as instituições existentes, em busca da compreensão de uma realidade ainda não totalmente descrita (SILVA; MENEZES, 2005; MINAYO, 2009; LAMY, 2011). Ademais a pesquisa quanto sua finalidade pode ser considerada explicativa, pois busca entender a causas do fenômeno pesquisado, e descritiva, visto que se destina a descrição dos fenômenos ocorridos no período do recorte do estudo (SILVA; MENEZES, 2005; GIL, 2002).

4.2 Coleta de Dados

Dado o caráter histórico e atual que envolve a pesquisa, visando desvendar possíveis motivos para a redução das movimentações populares e sindicais com o passar dos anos, os dados foram coletados a partir de pesquisa documental e de entrevistas com atores importantes para o campo da pesquisa, sem ater-nos ao metadiscorso hegemônico postulado.

A pesquisa documental se deu principalmente a partir de documentos fornecidos pelo arquivo da CSN, Cúria Diocesana, e por documentos fornecidos pelos entrevistados. No arquivo da siderúrgica encontramos documentação de 18 de setembro de 92, denominada “Mural”, que compreendia mais de 100 perguntas e respostas aos funcionários, elaborado pelo presidente da CSN discursando sobre a privatização. Em Graciolli (2007) localizamos cartas enviadas pela siderúrgica aos familiares dos operários a respeito da privatização, que também compuseram nossa análise documental. Ademais, durante as entrevistas, dois dos entrevistados também nos forneceram documentos que contemplam este estudo, tais sejam: um documento denominado “Discurso de Transmissão do Cargo de Presidente da Companhia Siderúrgica Nacional, em 23/04/1993” e carta enviada pelo operário entrevistado aos seus companheiros de trabalho após sua demissão, além de duas correspondências enviadas pelo presidente da CSN em 1993 à Comissão de Desestatização.

Já as entrevistas foram realizadas com 10 atores importantes para o campo de pesquisa, atores de não-mercado - classe política, operária, sindical, igreja e movimentos sociais (BARON, 1995; BARON; DIERMEIR, 2007; DOH; MCGUIRE; OZAKI, 2015), especificamente: dois dos presidentes da Companhia Siderúrgica a época prévia à privatização e durante a privatização; quatro operários que trabalhavam na CSN durante tal processo, e um operário que trabalha atualmente na siderúrgica; prefeito de Volta Redonda e Deputado Federal do período da privatização, sendo que o deputado também participava da Comissão de Desestatização; funcionário da Cúria Diocesana, braço direito do Bispo combatente da época da privatização e que também atuava em movimentos sociais; líder do movimento Ética na Política que surgiu na Igreja Católica, assim como o coordenador da Pastoral Operária da Igreja Católica. Totalizando cerca de 15 horas de entrevista.

4.3 Análise dos Dados

A análise dos dados foi inspirada nos procedimentos teórico-metodológicos da análise crítica do discurso de Norman Fairclough, a partir de uma vertente de prática social, pois acreditamos que a realidade social se revela no discurso, expressa ideologias, crenças, poder e interesses de seus enunciadores (FAIRCLOUGH, 2001; SILVA; GONÇALVES, 2017).

Ademais, a análise crítica do discurso de Norman Fairclough nos permite considerar o contexto social, cultural e histórico do mesmo, e como ele constrói tal contexto e o modifica, mediante análise tridimensional (textual, discursiva e social) (FAIRCLOUGH, 2001; SILVA; GONÇALVES, 2017).

5. PRINCIPAIS ACHADOS

Dentre os principais achados do trabalho, pôde-se observar, três ordens de discurso ressaltadas pelos entrevistados, ao se referirem a cada uma das fases da CSN. Sendo inicialmente tida como CSN “mãe”, como provedora da cidade, posteriormente como CSN “gargalo” da economia, quando desejam legitimar sua privatização, e por último como CSN privatizada, “opressora”, representando a relação atual da empresa com a sociedade.

5.1 CSN “mãe”

Dentre as diversas ações realizadas por Getúlio Vargas para o desenvolvimento industrial brasileiro, esteve a construção da CSN em Volta Redonda. Entretanto, a construção da siderúrgica conjuntamente com uma cidade operária objetivava muito mais que a industrialização, objetiva também a construção de uma nova sociedade e novo perfil de trabalhador brasileiro, conforme elucidado pelo líder sindical, entrevistado 09: “(...) o projeto inicial da CSN era alavancar o desenvolvimento da indústria no Brasil, traçar um modelo de operário (...)”.

A retirada do trabalhador do campo e as promessas de uma vida melhor dava à Vargas o título de “pai dos pobres”, e sobre essa ideologia paternalista que foi construída a grande siderúrgica, como uma “mãe” para a cidade de Volta Redonda, principalmente para aqueles que viviam na cidade operária, onde havia relação de subserviência e dependência mediante ideia de “família siderúrgica”, conforme pôde ser identificado nas falas dos entrevistados: ““(…) Getúlio Vargas, o pai, quem tirou o trabalhador das mãos do fazendeiro (...)” entrevistado 09. O papel opressor e explorador da empresa era camuflado pela narrativa de que a vida no campo era opressora e a empresa seria aquela que salvaria o trabalhador da vida difícil imposta pelos fazendeiros.

A narrativa de CSN “mãe” foi amplamente utilizada e legitimada pela população de Volta Redonda, portanto, os entrevistados a utilizaram constantemente para designar o papel da CSN para com a cidade e para a população anteriormente à privatização. Semelhantemente, refletindo a relação afetiva entre CSN e sociedade, Vargas era tido como “pai”. Assim a siderúrgica e Vargas eram tidos como benfeitores de Volta Redonda. A relação de dependência, poder, hierarquização espacial da cidade e controle, eram ocultos pelo assistencialismo que era dado à população a partir de práticas sociais. Era ela quem fornecia as moradias, os hospitais, os clubes para lazer, a polícia e escolas.

A cidade chegou a ser área de segurança nacional por causa da CSN. O poderio da empresa era expressado até mesmo em sua influência nas eleições para prefeito, o que refletia nas ações da administração do município, o que também era confundido como benfeitoria da siderúrgica para com a cidade, conforme narrativa do entrevistado 08: ““(…) CSN ajudava muito o Município, na administração do Município (...)”.

Ou seja, a ideia de CSN “mãe” é caracterizada por uma clara inversão de valores, na qual a empresa que governava a cidade e a qual o governo deveria se submeter.

A ideia de “mãe” era dita como muito orgulho, ocultando a marginalização e exclusão daqueles que não habitavam na cidade operária e, portanto, não eram da família siderúrgica. Além disso, a ditadura militar influenciou ainda mais essa relação de repressão e opressão daqueles que ali trabalhavam, mas não aceitavam a domesticação. Segundo o líder sindical que fez parte da “família siderúrgica”, entrevistado 09, destacou que aqueles que não seguiam os ditames da siderúrgica eram reprimidos e demitidos, e para tanto havia um controle a pente fino.

Com o passar dos anos, e com uma nova visão daqueles que entravam na siderúrgica, muitas das vezes filhos dos próprios operários, com estudo superior ao dos pais, a ideia de CSN “mãe” foi se esgotando e a exploração e poder da siderúrgica foi sendo desvendado, e assim

iniciaram as movimentações sindicais e sociais, incentivadas principalmente pela Igreja Católica sob a égide da Teologia da Libertação, conforme relatou o entrevistado 04: “(...) tivemos apoio de toda igreja, dos movimentos sociais, vários sindicatos de todo o país vieram nos apoiar na greve de 88 (...)”, demonstrando a união dos diversos movimentos que existiam durante a greve de maior repercussão que aconteceu na CSN, pela morte durante a mesma de três operários pelo exército. O mesmo também se refere ao agir da siderúrgica frente as movimentações como aquela que “vigiava”, para demitir aqueles que participavam das greves e movimentações, e a “matava”, em alusão a greve de 88.

O desenvolvimento e modernidade prometido pelo Presidente Vargas retirou diversos trabalhadores do campo, e com isso exaltava Volta Redonda como símbolo de “progresso” e “modernidade”. Entretanto, a “modernidade” gerou exclusão, separação de classes, pobreza, dominação, colonização e controle, sobretudo ao consideramos a grande massa populacional que perdeu seus postos de trabalho e manteve-se marginalizada na cidade, não retornando aos seus domicílios de origem pós construção da siderúrgica.

5.2 CSN “gargalo”

Objetivando seguir os ditames neoliberais, desenvolver-se e adequar à cultura global, a CSN foi utilizada pelo governo federal para demonstrar a adesão ao processo de saída do Estado da economia, sob uma lógica capitalista mundial de liberalização do mercado. No entanto, para que o Brasil fosse considerado “moderno” e “desenvolvido”, o processo de privatização das empresas estatais, dentre elas a CSN, deveria acontecer rapidamente, sem diálogos e grandes movimentações. Portanto, era necessária uma estratégia que permitisse que isso ocorresse com o apoio de todos, principalmente daqueles que compõe o ambiente de não-mercado: igreja, sindicatos, meio político e sociedade. Destarte, foram utilizados tanto estratégias *soft power* quanto *hard power* para legitimar a ideia de privatização da siderúrgica (NYE, 2005), concretizada principalmente pelo discurso de CSN “gargalo” da economia.

Essa rapidez do processo de privatização foi destacada por alguns dos entrevistados, principalmente quando se referiam às tentativas de diálogos contra esse processo. O entrevistado 07, por exemplo, refere-se ao processo como algo imposto de cima para baixo, ressaltando que não houve debate. Fala apoiada pelo entrevistado 08, que destaca que não concordou com o valor de venda da siderúrgica e como o processo foi concebido, segundo ele “(...) *determinação superior* (...)” Entrevistado 08, e do entrevistado 04: “(...) *empresa ia dar muito emprego, ia se modernizar, porque o mundo inteiro estava fazendo isso, e que era preciso* (...)”. Reflexo de uma lógica globalizante, descrita como “necessária”, uma imposição do modelo hegemônico advindo dos países centrais.

Os países que não se adequassem ao modelo estariam se privando da modernização, considerados atrasados frente às mudanças mundiais. A partir de um pensamento de colonização “civilizavam” e “doutrinavam” os países ditos subdesenvolvidos, mediante discurso de que o mundo inteiro estava privatizando e que o Brasil precisava privatizar para desenvolver-se, ideias refletidas no discurso do líder sindical, entrevistado 10:

“(...) isso teve forte influência direta no comportamento de movimento social aqui, uma derrota, e não uma derrota localizada não, uma derrota mundial, com a tal da globalização e se vendeu a ideia de que: 'olha o mundo agora é um grande circo que nós temos que participar disso, porque acabou essa história de Estado de bem-estar-social' (...)” Entrevistado 10.

Para que o processo de privatização acontecesse rapidamente e sem grandes atritos ou problemáticas, o governo federal junto à CSN realizou ações estratégicas com lideranças

políticas, sindicais e sociais do seu ambiente de não-mercado, principalmente mediante discurso para legitimar a privatização.

Com a ajuda de grande campanha midiática, a privatização da CSN era tida como imprescindível para a sua modernização e sobrevivência frente à competitividade, sendo desvalorizada pelo governo federal com o discurso de que a mesma era fonte de grandes corrupções e gargalo da economia, um “elefante branco” que iria falir.

Mas além do uso da mídia, a CSN utilizou de discurso direto com a sociedade, enviando cartas as esposas dos funcionários em busca de apoio do projeto privatizante. Cartas estas que compuseram os documentos analisados nesta pesquisa. Essas cartas remetidas aos familiares dos operários são exemplos táticos de utilização de *soft power*, pois a partir destas a CSN discursava aproveitando-se do sentimento de cuidado com a cidade, recorrendo a valores familiares, religiosos, sociais e de comunidade. Em suas palavras, “(...) a privatização fará de Volta Redonda, uma cidade feliz” Carta da presidência da CSN, 10 de fevereiro de 1992, in Graciolli, 2007. Inclusive havia a promessa de que não haveria demissão em massa e que a privatização geraria mais emprego, o que não ocorreu de fato.

Outra estratégia *soft power* utilizada pela empresa foi a venda de ações para os operários da CSN, juntamente com a ilusão de riqueza com a compra. Estratégia corroborada na fala dos entrevistados 04 e 10: “O governo precisava que os trabalhadores estivessem no processo (...)” Entrevistado 04 e “(...) foi entregue. Fica para você, e a gente (governo) vai vender o sonho (...)” Entrevistado 10 (grifos nossos).

Ao inserir os operários no processo de privatização a siderúrgica buscava que eles defendessem o processo, ou seja, estratégia de cooptação da sociedade e dos operários. Já o entrevistado 04 demonstra o outro lado deste processo: “Eles exploravam aquilo que todo mundo tem dentro de si, de perverso, o egoísmo, o querer ter. Eles começaram a explorar isso: vocês vão ficar ricos (...)” Entrevistado 04, ratificado também ex-operário, entrevistado 06: “Falavam que íamos ficar ricos. Eu não comprei as ações, penso que ou você é contra ou a favor. (...) Podem até ter conseguido comprar um carro, uma casa, mas ninguém ficou rico”.

Outro ator de não-mercado cooptado pelo processo de privatização foi o sindicato, mediante propagação da venda de ações por alguns dos diretores do sindicato, conforme narrado pelo entrevistado 04: “(...) o sindicato (com o Formigueiro) caiu novamente na mão da empresa, isso foi muito ruim para o movimento sindical de Volta Redonda (...) Houve um retrocesso muito grande (...) contribuiu para a privatização (...)” Entrevistado 04.

A relação da CSN com os diversos atores de não-mercado, demonstra que a mesma entende a importância destes para o sucesso de suas estratégias, a importância das relações além do mercado. Portanto, a empresa também buscou influenciar o meio político da cidade, pois sabia que políticos cooptados facilitaria a privatização da siderúrgica e demais ações da mesma, à custa de diversos malefícios para a cidade, principalmente com o enxugamento do número de seus empregados. A respeito disso, o entrevistado 06 explica-nos que a CSN chegou até mesmo a apoiar candidatos a prefeito da cidade na época do processo de privatização. Todo o processo era como um enorme teatro de fantoches, amplamente manipulado pela “mãe” CSN.

Ademais o discurso para legitimar a privatização e essa pressa para realizar o processo ocasionou diversos problemas como a venda dos terrenos junto com a siderúrgica, assim como o preço de venda aquém do valor de mercado. Quase todos os entrevistados citaram a venda dos terrenos, principalmente porque a venda limitou o desenvolvimento da cidade, que era prometido durante o processo de privatização, mas não aconteceu.

O problema foi acarretado principalmente pela rapidez do processo de privatização, conforme relatado pelo entrevistado 01: “(...) tenho que desculpar o BNDES, porque a pressão era muito grande (...)”, ao referir-se ao processo de venda dos terrenos junto com a siderúrgica, ou seja, a culpa segundo o mesmo era da rapidez do processo. Diferentemente, o entrevistado 02 destaca que era conhecido que as terras compunham o edital de venda da siderúrgica, citando

inclusive que pediu revisão do preço de venda e que o ativo não operacional (terras e imóveis) não fossem inclusos: “(...) o objetivo era facilitar a venda para as empresas que foram beneficiadas na aquisição. Só vejo isso como interesse financeiro (...)” Entrevistado 02, corroborado também pelo entrevistado 10, que destacou que haviam pessoas que sabiam da inclusão das terras no edital e buscavam esconder tal fato.

As estratégias utilizadas pela siderúrgica e governo federal fez com que a CSN passasse rapidamente de “mãe” a “gargalo” e problema social, beneficiando aqueles que a adquiriram e as camadas mais abastadas da sociedade. A CSN foi instrumento político, econômico e governamental para reduzir o poder de articulação da população contra a empresa e o governo, mediante cooptação do sindicato e movimentos sociais, colonialismo e opressão. O sentimento que anteriormente era de orgulho e pertencimento passa a ser de revolta por causa da privatização.

Tão forte foi o discurso de “necessidade” de privatização e de CSN gargalo, que apesar das movimentações que ocorreram contra esse processo, a siderúrgica foi privatizada. E a narrativa de “mãe” passou a ser utilizada para referenciar a uma despedida do vínculo com a siderúrgica, um processo de transição e consciência: “(...) Uma mãe não faz isso com seu filho, um pai não faz, morre, mas vai até o final, ele não fica falando: pega meu filho, e deixa levar (...)” Entrevistado 09.

5.3 CSN privatizada

A privatização da CSN se concretizou em 1993, demonstrando o poder do mercado e a adesão ao projeto de liberalização econômico imposto como necessário, a partir de um discurso de empresa gargalo. A partir de então, o Estado passou de agente de desenvolvimento a regulador, mediante processo que culminou em várias consequências para movimento social e sindical, assim como para a cidade de Volta Redonda, consequências destacadas também pelo entrevistado 10:

“(...) há um custo social enorme, famílias que foram desagregadas, pessoas que perderam o emprego, pessoas que sofreram com isso, não só aqui na região (...) aí você diz assim: mas isso foi um sucesso depois, porque a empresa está em pé (...) a questão é que (...) deu certo? Deu, a um custo grande, a uma vida de escravo (...). O que se fez foi diminuir o valor da mão-de-obra (...)” Entrevistado 10.

Até mesmo as instituições que tiveram papel central de combatividade mudaram seu perfil e relacionamento com a empresa e meio social. O ambiente de não-mercado foi modificado pelas estratégias utilizadas para legitimar a privatização. De acordo com os entrevistados, a relação atual com o sindicato é de um sindicato cooptado, a favor da empresa, “acoitado”, que pelo novo caráter de empresa privada se vê impossibilitado e limitado para negociações, o que influencia também no modo de agir da sociedade, que tinha apoio do sindicato combativo e seguia suas ideologias, conforme expressou o entrevistado 10.

“(...) como a privatização foi feita com a concordância do sindicato e com a derrota do movimento social que a cidade tinha até então, porque o movimento foi derrotado, quando a gente perde a eleição sindical (...) a CUT perde o sindicato, a igreja que tinha também um papel fundamental social na cidade, também perde essa força e o governo diz 'vou privatizar', e 'vou privatizar mesmo' e iniciou uma série de demissões, com as demissões, com o desespero nas famílias, então ninguém consegue se organizar e sem nenhuma outra perspectiva (...)” Entrevistado 10.

A relação da Igreja Católica com a CSN também se modificou. O segmento teológico de libertação perdeu suas forças e aqueles que formam a igreja, a sociedade, também perderam

a visão de que deveriam lutar por seus direitos, que não deveriam mais questionar, pelo medo da demissão. A base da igreja continua a mesma, se preocupando com os menos favorecidos pela sociedade, com os oprimidos, mas a relação atual é diferente: “(...) *relação atual entre CSN e igreja é de distanciamento de interesses, mas a igreja busca a justiça (...) A CSN é muito fria, não está escutando ninguém (...)*” Entrevistado 04.

O relacionamento de distanciamento que a empresa tem na atualidade com as instituições e com a sociedade, facilitou a destituição da ideia de “família siderúrgica”, constituindo uma sociedade sem consciência crítica e de classe, influenciada pela opressão empresarial. O entrevistado 05 destaca que a ideia de “líder” e “operário de confiança” contribuíram para desmobilizar as movimentações que ocorriam a época.

Já a relação da empresa com o governo do município continuou de dependência, a cidade depende da siderúrgica mesmo após a privatização, agravada pela impossibilidade de desenvolvimento da cidade motivada pela venda de 36% da área urbana da cidade juntamente com a siderúrgica (BENTES; COSTA, 2012; LIMA, 2012; PALMEIRA, 2012). O desenvolvimento estrutural e econômico de Volta Redonda esbarra-se direta ou indiretamente no poder da grande empresa (LIMA, 2014). Estratégia que pode ser considerada um monopólio locacional de bancos de terras, limitam o desenvolvimento das cidades, e um processo de gentrificação que afeta os menos favorecidos da sociedade, consequências planejadas e forçadas por um modelo de privatização imposto (COWLING; TOMLINSON, 2005; ZHENG; KAHN, 2013; ANDERSSON; TURNER, 2014)). Volta Redonda hoje para se desvincular do poder da siderúrgica buscou investir em um polo de serviços, mudando a lógica industrial, mas ainda assim, ao falar em desenvolvimento, o poder da CSN é dominante.

Ao questionar aos entrevistados o motivo das movimentações se reduzirem e como é a relação atual da empresa para com a sociedade, quase que de forma unânime explicavam-nos o poder que a CSN mantém sobre a cidade ou até mesmo a conjectura nacional e internacional. Os funcionários temem a demissão e estão dominados e colonizados pelo sistema que os envolve, a ponto de colocar os ideais de mercado a frente dos interesses da sociedade, como a preservação do meio ambiente e da sociedade.

Mediante ideia de libertação, era difundido o discurso de CSN “mãe”, já quando da necessidade de privatização a CSN era tratada como problema social, “gargalo”, que deveria ser contido a partir da mercadificação de agendas sociais, direitos e estratégias neodesenvolvimentista e neocoloniais.

Atualmente, o poder e discurso da grande siderúrgica ofuscam agendas sociais. A privatização está legitimada, e a carência de voz e repercussão dos movimentos que resistiram advém da opressão e poder da grande siderúrgica. Assim finaliza o entrevistado 10: “(...) *a privatização deu certo pra quem? Deu certo para os empresários, para quem participou do bolo (...)*”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados alcançados por esta pesquisa, podemos inferir que a principal causa da redução das movimentações após a privatização da CSN reside na merdificação de agendas sociais, na cooptação do sindicato dos trabalhadores, na individualidade das pessoas e eliminação do sentimento de pertencimento de classes, além do cenário de crise de empregabilidade.

Para tanto, a CSN foi utilizada pelo governo federal estrategicamente para conter camadas populares e reduzir movimentações sociais, com consequências que têm reflexo na atualidade. O desvendar das estratégias de não-mercado utilizadas na privatização da CSN, principalmente nas relações estratégicas com seus atores do ambiente de não-mercado (sindicato, igreja, política e movimentos sociais), configura-se também em uma das principais

contribuições deste trabalho, visto que esse campo de estudo é carente de trabalhos empíricos, sobretudo no Brasil.

A instalação da CSN em Volta Redonda já almejava a modernidade e a dependência em relação à indústria, e essa modernização se agravou ainda mais com o “dever” de privatizar a CSN rapidamente, o que gerou desempregos, redução do poder dos sindicatos e dos próprios trabalhadores, que a partir daquele momento deveriam agir de acordo com os novos padrões, gerando redução dos movimentos sociais e poder das pessoas, não somente em Volta Redonda, mas em toda a região.

Os discursos evidenciaram que aqueles que detêm o poder político e econômico distribuem o discurso capitalista neoliberal que representam o interesse da minoria global, sendo uma prática discursiva hegemônica de grande repercussão, pois são difundidos mediante aproximação relacional (SOUZA et al., 2016). A relativa redução dos movimentos sociais pós-privatização pode ser comprovada mediante análise do ambiente e da cidade, mas também foi corroborado no discurso dos entrevistados, que apontaram como principais causas de tais reduções, o poder de empregabilidade exercido sobre a cidade, mediante reserva de mão-de-obra e conjuntura nacional e internacional pós-moderna.

Os discursos foram utilizados para legitimar os interesses governamentais de cada período, sendo que o processo de privatização da siderúrgica concentrou-se principalmente no discurso de CSN “gargalo” e problema social, ressaltando a utilização de estratégias sociais, *soft power* e *hard power*, com os atores de não-mercado da CSN, visando a naturalização da privatização e conseqüentemente redução das movimentações sociais.

Dentre as principais contribuições do trabalho, ressalta-se a necessidade de repensar atitudes tomadas com vista ao cumprimento de um modelo imposto por países centrais, como as neoliberais, mantendo-se os ditames ocidentais, gerando grandes assimetrias sociais, e a necessidade de repensar o Estado mínimo. A lucratividade, modernidade e desenvolvimento não podem ser postos em destaque em detrimento do bem social coletivo. Acontece que o bem individual, ou de poucos, vem sendo alcançado a custas de uma grande maioria, que são invisibilidades pelos ideais capitalistas e neoliberais.

Esta pesquisa é importante porque analisou a influência das estratégias de privatização na redução dos movimentos que buscam dar voz, identidade e igualdade à sociedade, além de demonstrar a importância de se considerar os intervenientes de “não-mercado” ao estudar estratégia empresarial, des-subalternização do mesmo.

O estudo da privatização sobre o olhar das relações estratégicas de não-mercado foi essencial para identificarmos as diferentes narrativas utilizadas para moldar o ambiente de acordo com a necessidade de cada período. Mesmo em um Estado que se diz liberal a mão do Estado continua a agir, mas agora a favor dos políticos e elites existentes. Destacamos, inclusive, que o campo do conhecimento não deve negligenciar atores de não-mercado, pois conforme demonstrado na pesquisa, as empresas os operacionalizam estrategicamente e silenciosamente.

A modernidade e desenvolvimento prometidos, e que conduziram a privatização de diversas indústrias de variados setores da economia, nos permite questionar: Desenvolvimento? Para quem?

Além disso os malefícios gerados pela privatização corroboram a ideia de que as decisões governamentais e empresariais não devem ser tomadas somente a favor do mercado, mas também sobre um olhar social. Para que os benefícios não fiquem para poucos, enquanto os malefícios para a maior parte da sociedade, para aqueles menos favorecidos e desprovidos de recursos.

Diferentemente do que foi prometido para os operários da CSN, riqueza e melhorias para a cidade, o processo de privatização trouxe desempregos, devastação ambiental, gentrificação, pobreza e aumento das assimetrias sociais. Ademais, a CSN perpassou pelas três

fases do capitalismo brasileiro, da transformação de país agrário a industrial e posteriormente em neoliberal, ditada pelos interesses governamentais, do mercado e das elites brasileiras. O poder da grande indústria venceu, ainda que momentaneamente, as movimentações sociais.

Como proposição para trabalhos futuros, sugiro o estudo das demais empresas que foram privatizadas e sua relação com o ambiente em que convivem, assim como os impactos que tal processo deixou para a empresa e para a sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. P. **Lazer operário e alienação (Volta Redonda – 1951 a 1956)**. 143f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Severino Sombra, Vassouras, RJ, 2001.

ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In E. Sader, & P. Gentili (Orgs.), **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. São Paulo: Paz e Terra, p. 9-23, 1995.

ANDERSSON, R.; TURNER, L. M. Segregation, gentrification, and residualisation: from public housing to market-driven housing allocation in inner city Stockholm. **International Journal of Housing Policy**, v.14, n.1, pp.3–29. <https://doi.org/10.1080/14616718.2013.872949>, 2014.

ASSIS, R.O.; LUSTOZA, R.E. Las relaciones trabajo-sociedad: un “nuevo hombre” y una “nueva” sociedad para Volta Redonda. In: **International Conference Virtual City and Territory (9è: 2013: Roma)**. Università degli Studi Roma Tre, 2014

BAPTISTA, R.D.G.S.; SARAIVA, L.A.S. As (novas) práticas pós-privatização de atuação comunitária em seis empresas do setor siderúrgico brasileiro. **REGE Revista de Gestão**, v. 12, n. 1, 2005.

BARON, D.P. Integrated strategy: Market and nonmarket components. **California management review**, v. 37, n. 2, p. 47-65, 1995.

BARON, D.P.; DIERMEIER, D. Strategic activism and nonmarket strategy. **Journal of Economics & Management Strategy**, v. 16, n. 3, p. 599-634, 2007.

BENTES, J.C.G; COSTA, M.L.P. A cidade-empresa e a empresa na cidade: Volta Redonda e a Companhia Siderúrgica Nacional. **Anais: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, v. 10, n. 1, p. 1-14, 2012.

BIONDI, A. **O Brasil privatizado**. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2014. 254p.

CARRION, R.K.; VIZENTINI, P.G.F. **Globalização, Neoliberalismo, privatizações: quem decide este jogo?**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.311p.

CASANOVA, P. G. O Imperialismo, hoje. **Tempo**, v. 9, n. 18, p. 65-75, 2005.

COWLING, K.; TOMLINSON, P. R. Globalisation and corporate power. *Contributions to Political Economy*, v. 24, n. 1, p. 33-54, 2005.

COSTA, F.R.; ZANGELMI, A. J.; SCHIAVO, R. A. Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação: algumas reflexões sobre catolicismo liberacionista e ritual. **Revista Intratextos**, v. 2, n. 1, p. 33-50, 2010.

DA SILVA, A.; ABDALLA, M.M. The hidden face of modernity: The case of Companhia Siderurgica Nacional in Brazil. **Anais do 6 th** Latinamerican And European Meeting On Organization Studies, 2016.

DA SILVA, A.; ABDALLA, M.M.; MORAES, J. Estratégia de Institucionalização: o caso da privatização da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). **Anais do Congresso de Administração, Sociedade e Inovação**, 2015.

DOH, J.; MCGUIRE, S.; OZAKI, T. The Journal of World Business Special Issue: Global governance and international nonmarket strategies: Introduction to the special issue. **Journal of World Business**, v. 50, n. 2, p. 256-261, 2015.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GANDRA, M. A. R. “**Cidade Vermelha**” do Aço: greves, controle operário e poder popular em Volta Redonda. 136f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil, 2009.

GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. **São Paulo**, v. 5, 2002.

GRACIOLLI, E.J. **A privatização da CSN – da luta de classes à parceria**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

IBARRA, D. O neoliberalismo na América Latina. **Revista de Economia Política**, v. 31, n. 2, p. 238-248, 2011.

LAMY, M. **Metodologia da pesquisa jurídica: técnicas de investigação, argumentação e redação** /Marcelo Lamy. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

LIMA, R.J.C. CSN e Volta Redonda: uma relação histórica de dependência e controle. **Política & Sociedade**, v. 12, n. 25, p. 41-64, 2014.

MINAYO, M.C.S (organizadora); DELSANDES, S.F; GOMES, R. **Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

MOREIRA, A.D.S. Contribuições da Teologia da Libertação para os Movimentos Sociais. **Caminhos**, v. 10, n. 2, p. 37-55, 2012.

MOREL, R.L.M. A construção da "família siderúrgica"- Gestão paternalista e empresa estatal. In: Ramalho, J. R. (org.); Santana, M. A. **Trabalho e tradição sindical no Rio de Janeiro: a trajetória dos metalúrgicos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MOREL, R.L.M. **A ferro e fogo: construção e crise da" família siderúrgica": o caso de Volta Redonda (1941-1968)**. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

NORONHA, E.G. Ciclo de greves, transição política e estabilização: Brasil, 1978-2007. **Lua Nova**, v. 76, p. 119-168, 2009.

NYE, J. S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. New York: Public Affairs, 2005.

PACHECO, B. A Construção do Discurso Nacionalista: Volta Redonda–da Modernidade

Sólida à Líquida. In: **Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação–INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação)**. 2002.

PALMEIRA, A.F. **A Nova Face da “Cidade do Aço”**: crise do capital, trabalho e hegemonia em Volta Redonda (1992-2008). Dissertação. Programa de Pós Graduação da Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF-RJ, 2012.

PEREIRA, S. **Sindicalismo e privatização: o caso da Companhia Siderúrgica Nacional**. 2007. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Ciências-Sociologia). PPGSA/IFCS/UF RJ.

PEREIRA, S.M. CUT e Força Sindical em Volta Redonda: modelos de sindicalismo ou trajetórias de lideranças?. **Enfoques**, v. 5, n. 2, p. 103-119, 2006.

PINTO, C.R.J. Globalização vis-a-vis a história do nacionalismo na América Latina: o caso do Brasil. **Pensamento Plural**, n. 11, p. 7-25, 2014.

PORTO-GONÇALVES, C.W.; QUENTAL, P.D.A. La colonialidad del poder y los desafíos de la integración regional en América Latina. **Polis (Santiago)**, v. 11, n. 31, p. 295-332, 2012.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SAWAYA, R. Poder econômico, desenvolvimento e neoliberalismo no Brasil. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, n. 39, p. 124-149, 2014.

SILVA, E.L.D; MENEZES, E.M. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. 3. ed. rev. atual. – Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2005.

SILVA, Everton Rodrigues da; GONÇALVES, Carlos Alberto. Possibilidades de incorporação da análise crítica do discurso de Norman Fairclough no estudo das organizações. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 15, n. 1, p. 1-20, 2017.

THEBALDI, B. Estado de Violência Estatal: O Estado como Agente de Violência, no Contemporâneo. **Razón y Palabra**, v. 19, n. 89, 2015.

ZHENG, S.; KAHN, M. E. Does Government Investment in Local Public Goods Spur Gentrification? Evidence from Beijing. **Real Estate Economics**, v.41, n.1, pp.1–28. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6229.2012.00339.x>, 2013.